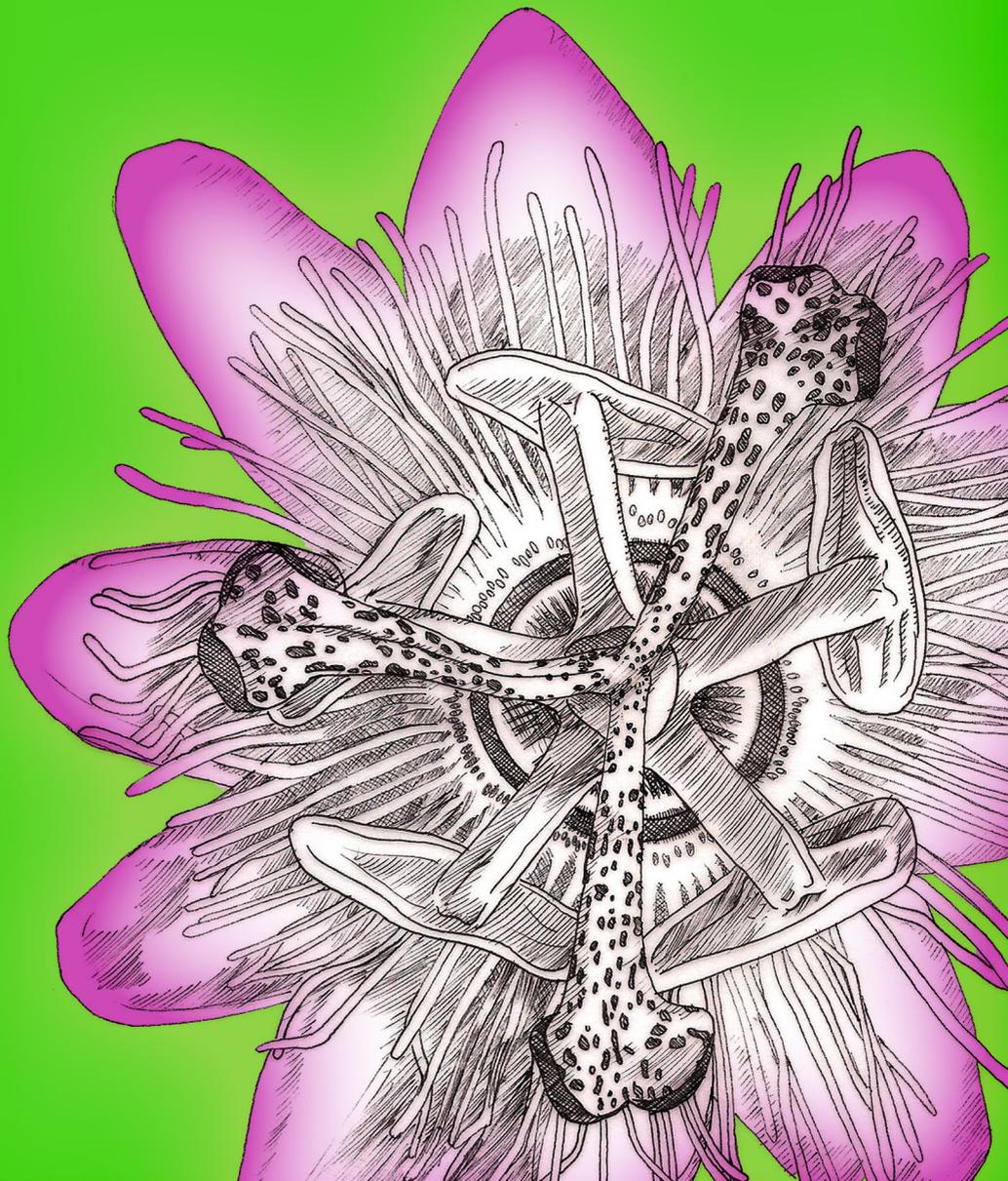


Plantas Medicinais e os cuidados com a saúde *contando várias histórias*



Renata Palandri Sigolo (Org)

Plantas Medicinais
e os cuidados com a
saúde:
contando várias histórias

Renata Palandri Sigolo (org.)

Plantas Medicinais
e os cuidados com a
saúde:
contando várias histórias

Florianópolis
NUPPe / UFSC

2015

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

P713 Plantas medicinais e os cuidados com a saúde:
contando várias histórias/ organização de
Renata Palandri Sigolo. - Florianópolis :
NUPPe/UFSC, 2015.
215 p. : il., tabs

Inclui bibliografia.
ISBN : 978-85-60501-15-1

1. Plantas medicinais - História - Estudo e ensino. 2. Saúde - História. 3. Cuidados pessoais com a saúde - Entrevistas I. Sigolo, Renata Palandri

CDU:633.88(091)

Índice

Apresentação	11
<i>Renata Palandri Sigolo</i>	
A EJA Centro I Matutino/Vespertino e o Projeto Plantas Medicinais e os Cuidados com a Saúde: Contando várias Histórias	14
<i>Regina Helena Seabra</i>	
Índice de ilustrações	15
1. Mundo verde na “terra preta”: a importância dos vegetais e das plantas medicinais no antigo Egito	16
<i>Renata Palandri Sigolo</i>	
2. O uso de plantas medicinais na Medicina Ayurvédica	36
<i>Bruno Vinícius Mützenberg e Diego Schibelinski</i>	
3. Medicina na China Antiga e o uso de Plantas Medicinais	54
<i>Luis Fernando Bernardi Junqueira</i>	
4. Medicina, ervas e cultura na Grécia Antiga	74
<i>Beatriz Pereira Ribeiro e Júlia Pedrollo Albertoni</i>	
5. Plantas Medicinais na Idade Média: o nascimento da Farmácia	90
<i>João Luiz Fernandes Borghazan</i>	
6. Plantas Medicinais na Europa Moderna	106
<i>Larissa Bernardi e Márcia R. Valério</i>	
7. Saúde, Religiosidade e Cura: O uso de Plantas Medicinais nos primeiros contatos entre portugueses e indígenas no Brasil	122
<i>Isaac Facchini Badinelli</i>	
8. Ewé, cura e magia: o uso das plantas medicinais no candomblé	138
<i>Diego Schibelinski</i>	
9. Usos e circulação de plantas medicinais nas navegações portuguesas .	160
<i>Isaac Facchini Badinelli e Luis Fernando Junqueira</i>	
10. As plantas medicinais no Período Contemporâneo: entre saber científico e popular	178
<i>João Luiz Fernandes Borghazan e Márcia Regina Valério</i>	
11. Plantas Medicinais no Brasil Contemporâneo: da “botica da natureza” à “saúde em frascos”	196
<i>Renata Palandri Sigolo</i>	

9. Usos e circulação de plantas medicinais nas navegações portuguesas

Isaac Facchini Badinelli e Luis Fernando Junqueira

Em um período de transformações, o império português, favorecido pelo conhecimento relacionado às navegações e pelo investimento feito por empréstimos e financiamento de judeus portugueses, pode fazer sua expansão e invadir novos territórios. Isto lhe proporcionou novas possibilidades comerciais e uma posição de destaque no comércio internacional de especiarias. A partir da abertura do que ficou conhecido como Rota da Índia, em 1497, pelo explorador Vasco da Gama, Portugal passa a ter um papel fundamental no comércio marítimo. A chegada às costas brasileiras também contribuiu para uma maior interação e entrada neste mercado, muito embora, em um primeiro momento, não tenha existido uma exploração sistemática da nova colônia.

O objetivo deste texto é analisar como o comércio que emergiu nestas novas expansões, influenciou as trocas de plantas medicinais entre os territórios envolvidos. É importante pensar, também, como foram essas trocas entre os países europeus e suas novas colônias. Foram trocas unilaterais, ou existiu uma rede de trocas mútuas entre a metrópole e suas colônias? Como a situação de saúde nas próprias colônias influenciou essa rede de trocas e descobertas? São questões que precisam ser analisadas e propiciam uma reflexão a cerca do sistema colonial. Para conseguirmos compreender a trajetória deste comércio e também as diferenças ocorridas entre a exploração exercida pela Companhia das Índias Orientais e, posteriormente, a exploração do território na colônia brasileira, dividiremos este capítulo em partes que contemplam os diferentes períodos de exploração do Império Português.

Depois do estímulo causado pelo comércio da pimenta malagueta africana, o infante D. Henrique passou a intensificar as expedições terrestres com o objetivo de construir um império lusitano da pimenta, visando participar especialmente do lucrativo comércio da pimenta indiana, mais cara e de melhor aceitação na Europa do que a malagueta.¹ Para isso, era necessário descobrir uma rota marítima para a Índia através do mar, contornando o continente africano.

Em 1494, dois anos após a chegada de Cristóvão Colombo na América,

1. RAMOS, Fábio Pestana. **No tempo das especiarias**: o império da pimenta e do açúcar. São Paulo: Contexto, 2006, p. 101

foi firmado entre Portugal e Espanha o tratado de Tordesilhas, dividindo o mundo entre estas duas nações mediante um meridiano imaginário para 370 léguas a leste das ilhas de Cabo Verde. Os territórios a leste deste meridiano pertenceriam a Portugal e os territórios a oeste, à Espanha, o que assegurava aos portugueses a exclusividade de comércio via Atlântico com a África e a Índia.²

Em 1497, o rei D. Manuel escolheu Vasco da Gama para guiar a rota marítima até à Índia. Em 1498, os portugueses aportaram em Moçambique, ameaçando seu sultão com a artilharia. De lá, partiram rumo a Calicute, na costa indiana, onde depois de diversas dificuldades com seu governante - o Samorim- conseguiram, enfim, permissão para negociarem suas poucas mercadorias: o que os indianos queriam era ouro e isso os portugueses não tinham o suficiente para causar boa impressão.

Passadas tantas dificuldades – especialmente fome e doença – em 18 de setembro de 1499, a frota de Vasco da Gama volta para Lisboa levando muito gengibre, pimenta e canela, gerando lucros de 4000% sobre o valor investido na viagem, o que estimulou ainda mais os portugueses a ir em busca das especiarias. Depois de alguns anos, a pimenta-do-reino tornou-se o produto mais exportado por Portugal para os demais países europeus.

Ao chegarem ao Oriente, os navegadores lusitanos se depararam com civilizações altamente desenvolvidas, cujas origens remontavam ao segundo milênio AEC³, e que já dominavam o comércio das especiarias há milênios por meio das Rotas da Seda. Devido à intolerância cultural e religiosa por parte dos portugueses, estes constantemente entravam em disputas e conflitos com os indianos – a Índia, neste período, estava dividida em diversos estados –, sendo muitas vezes massacrados por estes ou os ameaçando por meio das armas. Para os portugueses, todos os que não acreditassem em sua religião eram considerados infieis e deveriam ser convertidos à força, o que dificultava muito a relação deles com os demais mercadores orientais e os reinos indianos.⁴

Goa foi uma das cidades mais importantes tomadas pelos portugueses na costa indiana. A cidade há muito tempo era um dos centros de comércio, tanto por terra quanto por mar, que distribuíam as mercadorias vindas de outras regiões para várias partes do mundo. Com a criação de feitorias e

2. *Ibidem*, p.103.

3. Antes da Era Comum.

4. RAMOS, Fábio Pestana. *Op. Cit.*, p. 116.

fortificações nesta cidade, o comércio das especiarias cresceu muito, gerando altos lucros a Portugal.

Na China e no Japão, a situação foi muito diferente. Ambos os países eram bem organizados e fortemente armados, e os portugueses precisavam negociar por meio da diplomacia. Contudo, devido à má fama destes com os conflitos na África e na Índia os chineses, apenas depois de muito tempo, aceitaram que eles se instalassem em um único ponto do território, em Macau, em 1557, jamais conseguindo penetrar no Império Chinês.

Na China, ao contrário do que aconteceu com outros povos, os portugueses ficaram fascinados com a organização social e a tecnologia chinesa, que em muitos aspectos superavam não apenas Lisboa, mas até o que havia de melhor na Europa:

Relatos que chegavam até Portugal descreviam as obras de arquitetura como preciosas e engenhosas, fazendo notas que as ruas, nas cidades e aldeias, eram empedradas e pavimentadas, construídas de forma a ser possível enxergar o caminho do começo ao fim [...]. As casas eram baixas e sem andares, com interior muito espaçoso e cheias de todo o gênero de curiosidades e ornamentos, rodeadas por imensos jardins para passeio.⁵

Porém, enquanto os portugueses ficaram admirados com a cultura chinesa, os chineses não compartilhavam desta admiração: para estes, os estrangeiros eram bárbaros e de classe inferior e deveriam sujeitar-se ao Imperador chinês.

Os principais produtos levados para a China pelos portugueses foram especiarias e plantas medicinais indianas, e a prata japonesa, enquanto da China saíram a seda e a porcelana. Dentre as principais e mais lucrativas especiarias estavam a pimenta, o cravo, o gengibre, a noz-moscada, a canela e o cominho.

A partir da segunda metade do século XVI, além da má reputação dos portugueses no Oriente, o número de piratas e saqueadores estava crescendo cada vez mais e passando a gerar preocupações aos comerciantes lusitanos. Holandeses e ingleses estavam se interessando pelo lucrativo comércio e a porcentagem de naus perdidas chegou a quase 50%.⁶ Doença, fome, naufrágios estavam se tornando cada vez mais frequentes.

5. *Ibidem*, p. 136.

6. *Ibidem*, p. 184.

Durante a primeira metade do século XVII, a decadência das rotas asiáticas controladas por Portugal se tornou ainda mais evidente, enquanto que a Carreira do Brasil passou a despertar maior interesse. Os que ainda continuavam defendendo a manutenção da rota, em geral, eram nobres que permaneciam lucrando com as especiarias e demais artigos de luxo asiáticos. Contudo, os portugueses não haviam desistido do comércio das especiarias. Em 1683, foi introduzido no Brasil o plantio de pimenta e canela, obtendo ótimos resultados, tornando inútil a manutenção de feitorias e fortalezas na Índia⁷ e ao mesmo tempo inserindo estas e outras especiarias – como o gengibre, trazido pelos holandeses – na alimentação e medicina brasileira.

Citações sobre o uso das especiarias como medicamento são muitas e estão em diversos tratados. No *Erário Mineral*, por exemplo, Luís Gomes Ferreira recomenda a raiz de gengibre “mastigada e engolida seu suco [...] ou também pisada e dada em água quente ou aguardente [...]” como um grande remédio para dores de barriga e cólicas.⁸ O *Dicionário de Medicina Popular*, de Napoleão Chernovitz, recomenda a canela como estimulante, tônica, para provocar o fluxo mensal das mulheres, e contra dores reumáticas.⁹ O mesmo *Dicionário* cita, ainda, os usos do óleo de cravo-da-Índia para dores de dente e como excitante.¹⁰ O uso destas especiarias como medicamento e como alimento está relacionado, além da sua natureza, com os quatro humores. No caso da citação a seguir, as qualidades da noz moscada são quente e seca, relacionadas à bílis amarela:

Esta amêndoa é oval, dura, unetuosa, de côr cinzenta avermelhada, com veios cinzentos; cheiro suave e forte, sabor quente. [...] A noz moscada é um estimulante poderoso; empregá-se principalmente na arte culinária; facilita a digestão. A infusão de rasas de moscada, feita em vinho quente, é muito empregada entre a gente dos campos, durante o parto, como tônica e estimulante.¹¹

Outras plantas vindas do Oriente foram introduzidas no Brasil, graças a uma série de fatores que fizeram com que um maior fluxo de embarcações e o aumento de explorações comerciais passassem a ter como foco o território

7. *Ibidem*, p. 192.

8. FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira*; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002 p. 364.

9. CHERNOVITZ, Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular e das Sciencias Accesorios para uso das famílias*. 6ª ed. Pariz, 1880, livro 1, p. 448.

10. *Ibidem*, p. 748.

11. *Ibidem*, p. 457-458.

brasileiro. O crescimento no número de voluntários para as expedições no Brasil se deve, em parte, ao fato de que, se as condições de viagem ao Brasil não eram melhores do que as condições precárias encontradas nos navios que partiam com direção à Índia, ao menos o tempo de viagem era abrandado. Enquanto uma viagem para a Índia durava em média um ano, as viagens entre Lisboa e o Brasil duravam quatro semanas ou menos.¹²

Incentivando ainda mais este empreendimento, a partir do século XVIII, a Coroa portuguesa passa a dar importância cada vez maior em explorar economicamente as plantas originárias da colônia brasileira, além do maior investimento na produção de espécies exóticas em território de além-mar. Uma das hipóteses para esse interesse é a decadência da exploração das minas de ouro no centro do Brasil, gerando a necessidade de uma nova fonte econômica na colônia. Os investimentos nos produtos da terra e no campo agrário passam a ser marcantes a partir desse período.

O aumento desses contatos gerou grandes passos na divulgação, no continente Europeu, do poder das plantas encontradas na América, que juntamente ao potencial produtor já conhecido incentivou ainda mais a exploração do território. A publicação da primeira farmacopeia oficial portuguesa, em 1794, que continha vários conhecimentos não só sobre a flora brasileira como de outras farmacopeias, além de livros e tratados que já haviam sido organizados anteriormente, tinham o objetivo claro de padronizar um conhecimento que antes parecia disperso e muito suscetível a interpretações consideradas equivocadas. Esta farmacopeia oficial citada ganha destaque por ter intuito de servir como livro didático para os estudantes de botânica do reino português.

Além deste conhecimento propalado por viajantes e pelo interesse econômico, muito do que ficou conhecido a respeito das plantas utilizadas na colônia está ligado à busca constante por compreender e tratar as principais doenças que atingiam a população local. Como é possível notar em vários estudos sobre a medicina do período colonial brasileiro, havia na colônia uma grande conjunção de culturas, onde a aplicação da religiosidade e das crenças populares influenciava substancialmente a arte de curar.

No século XVIII, a medicina colonial parecia conviver com novos e velhos paradigmas. Além de possuir poucos profissionais legitimados pela

12. RAMOS, Fábio Pestana. Os problemas enfrentados no cotidiano das navegações portuguesas da carreira da Índia: Fator de abandono Gradual da rota das especiarias. *Revista de História*, Rio de Janeiro, v. 137, p.75-94.1997

coroa para exercer as artes da cura e possuir um vasto território, com inúmeras porções de terra inabitadas não existia, neste lado do Atlântico, uma concepção de ciência e cura separada do mundo religioso, existindo verdadeiras “Misturas do Humano com o Divino”¹³. As doenças eram encaradas como males enviados por Deus ou pelo Diabo, e a sua concretização era muitas vezes encarada como uma punição. “Considerado um pai irado e terrível, Deus afligiria os corpos com as mazelas, na expectativa de que seus filhos se redimissem dos pecados cometidos, salvando, assim, suas almas.”¹⁴Esses saberes mágicos só passam a ser mais criticados no fim do século XVIII.¹⁵

Uma série de agentes da cura são identificados neste período mas suas funções não estão bem definidas, sendo motivadas em grande parte pelas necessidades locais. Médicos (em número reduzido), barbeiros, boticários, raizeiros, parteiras e curandeiros se revezavam na tentativa de melhor contribuir para as populações locais, que misturavam o maior número de crenças. Os padres jesuítas, vindos em grande número para o Brasil desde 1549, exerceram enorme atividade na medicina das comunidades mais afastadas até o período, trazendo uma bagagem de saberes da Europa e a ela mesclando novos conhecimentos, principalmente indígenas.

As boticas dos colégios jesuítas foram inigualáveis, em qualquer parte onde estivessem. A do Colégio do Pará, segundo inventário datado de 1760, além de 20 tomos de medicina, continha recipientes diversos, estantes com mais de 400 remédios, fornalhas, alambiques, almofarizes de mármore, ferro e marfim, armários, frascos e potes de várias cores e tamanhos, balanças, pesos, medidas, tachos de cobre, de barro, bacias, prensas, tenazes, enfim, todo um aparato técnico para a confecção dos medicamentos.¹⁶

O número reduzido de médicos e a falta de um controle mais rígido por parte da metrópole, fez com que na colônia esses profissionais exercessem livremente a arte da cura. Muitos deles deixaram escritos sobre a forma como procediam e como tratavam seus pacientes em terras brasileiras, sendo que

13. NAVA, Pedro apud SILVA, Lenina Lopes Soares. “As Misturas do Humano com o Divino” na Medicina Popular do Brasil Colonial. **Mneme** – Revista de Humanidades. UFRN. Caicó (RN), v. 9. n. 24, set/out. 2008. ANAIS DO II ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL.

14. DEL PRIORE, Mary apud RIBEIRO, Daniela Baptista Medicina e Práticas Mágicas na Cura de Enfermidades Tropicais no século XVIII. **Revista UNIABEU**. v.6. n. 13. maio-agosto 2013.

15. Para uma análise mais aprofundada sobre o assunto consultar RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos Trópicos: A arte médica no Brasil do século XVIII**. São Paulo. Hucitec, 1997.

16. CALAINHO, Daniela Buono. Jesuítas e medicina no Brasil Colônia. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 10. n 19. p. 61-76. Jul.2005. p. 65

estes relatos revelam a circulação entre conhecimento erudito e popular.

Uma obra de grande importância para os pesquisadores do período colonial, já citada aqui, é o *Erário Mineral* do cirurgião português Luís Gomes Ferreira. O *Erário Mineral* foi publicado em Lisboa em 1735, após o autor deste compêndio ter vivido na colônia, mas precisamente na região das minas de ouro, passando pelas localidades de Vila Rica, Sabará e Mariana e participando por alguns anos das campanhas auríferas na região. Luís Gomes Ferreira chegou pela primeira vez no Brasil em 1707, vindo de Lisboa, desembarcando na Bahia, sendo inclusive proprietário de terras e de escravos. A obra reúne diversas experiências do autor, que escreveu apontamentos sobre as especificidades do clima, dos moradores, das doenças, dos tratamentos ministrados, aos quais incorporou diversas ervas locais.¹⁷

Ferreira foi influenciado por uma lógica das práticas de cura que tem como base a teoria dos humores, originária da tradição médica grega e baseada nos escritos de Hipócrates, sendo posteriormente ampliada por Galeno. O corpo humano seria preenchido por quatro elementos básicos que deveriam estar em perfeito equilíbrio e manteriam a vida humana. São os quatro humores: sangue, fleuma, bÍlis amarela e bÍlis negra, que estariam ligados respectivamente às funções do coração, sistema respiratório, fÍgado e baço. A cura passava por manter o equilíbrio entre esses humores, que por algum motivo tinha se perdido. Essa teoria perdurou por um longo espaço de tempo, sendo utilizada no *Erário* de maneira particular, resignificando práticas que remetem ao período medieval. É importante notar que o significado da palavra humor adquire uma conotação diferente no período, servindo para designar matérias líquidas e semilíquidas no corpo humano.¹⁸

O atrativo do humoralismo, que dominou a medicina clássica e formou a herança dela, estava em seu esquema explicativo, que se calçava em arquétipos conflitantes (quente/frio, úmido/seco etc.) e abarcava o natural e o humano, o físico e o mental, o sadio e o patológico¹⁹.

Essa obra se faz muito importante para a divulgação dos saberes da cura colonial no século XVIII, sendo publicada antes mesmo da farmacopéia

17. FURTADO, Júnia Ferreira. *Arte e Segredo: O licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens*. In: FERREIRA, Luis Gomes. Op. Cit. p.03-30.

18. MACHLINE, Vera Cecília. Teoria e conceito setecentista de humor joco-sério derivado da antiga teoria humoral? In: MARTINS, R.A.; MARTINS, L.A.C.; SILVA, C.C.; FERREIRA, J.M.H. (eds.).

Filosofia e História da Ciência no Cone Sul: 3 º encontro. Campinas: AFHIC, 2004. p. 471 – 478.

19. PORTER, Roy. *Das tripas o coração*. Uma breve história da medicina. Rio de Janeiro. Record, 2004. p. 44.

oficial padronizadora da medicina portuguesa. O tratado mostra como eram feitos os principais tratamentos das doenças neste período, evidenciando algumas de suas características, como o uso das panacéias (remédios que serviam para a cura de diversos males): “Em seis libras de água comum, cozam uma onça de cevada descascada e solta na panela, ferva até gastar duas partes e depois se coe; doses é de seis onças, adoçadas com açúcar ou lambedor de violas; virtudes: refresca, tira a sede, tempera as febres e tira os ácidos dos humores”²⁰.

O fato do Erário Mineral ter sido publicado em Lisboa reforça, em solo europeu, seu papel divulgador dos conhecimentos adquiridos no Brasil. É possível imaginar o quanto a leitura de tratados como o de Luis Gomes Ferreira despertou a curiosidade e o interesse nas plantas nativas brasileiras. Nota-se como os complexos ensinamentos presentes no livro juntam “produtos estercoários, ensinados pela medicina popular ibérica, às ervas medicinais da tradição indígena, transmitidas pelos sertanejos paulistas”²¹. Várias são as passagens da obra em que o autor exalta as propriedades de diversas plantas aqui encontradas e que posteriormente enviadas à Europa sem que, no entanto, seus destinatários estivessem livres de falsificações. As virtudes da Ipecuanha, por exemplo, são reforçadas pelo autor:

a raiz do cipó chamada pacacuanha [sic] ou por outro nome poalha [sic] nome que lhe deram os gentios carijós e por eles descoberta é uma raiz delgadinha e com muitos nós, enoseada e torta. São estas raízes o único e certo remédio para curar cursos [diaréias]; ou seja de sangue ou sem ele... E também é remédio contra venenos.²²

Este período da história brasileira assistiu a uma grande transformação da paisagem natural. Novos recursos agrícolas foram implementados, espécies silvestres nativas passaram a ser classificadas e houve uma considerável aclimação de espécies exóticas. No caso das plantas vindas da Europa, “a cosmopolitização foi pantropical. As plantas que se aclimatavam mais facilmente eram, geralmente, de origem africana ou sul-asiática”²³.

É no século XVIII, também, que passa a haver um investimento

20. FERREIRA, Luís Gomes. Op. Cit. p. 319.

21. WISSENACH, Maria Cristina Cortez. Cirurgiões do Atlântico Sul – Conhecimento médico e terapêutica nos círculos do tráfico e da escravidão (séculos XVII – XIX). **Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História**. ANPUH/SP- UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004.

22. FERREIRA, Luís Gomes. Op. Cit. p.463.

23. DEAN, Warren. A botânica e a política imperial: A introdução e domesticação de plantas no Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 216-218, 1991.

cada vez maior na abertura de jardins botânicos e herbários nas metrópoles europeias. Foram nestes locais que grande parte dos conhecimentos a respeito das plantas de todo o mundo passaram a ser desenvolvidos, buscando-se pesquisas e uma classificação que pudesse sistematizar o conhecimento buscado no novo mundo. A reformas promovidas por Marques de Pombal em Portugal, principalmente no que diz respeito às universidades e a criação da Junta do Protomedicato em 1798, são marcos importantes deste maior investimento da coroa na exploração dos produtos de suas colônias.

Domenico Vandelli foi um dos naturalistas contratados pela Universidade de Coimbra para melhor explorar esses conhecimentos botânicos. Foi auxiliado inclusive por naturalistas brasileiros, que indicavam muitas vezes que uma boa forma de adquirir conhecimento sobre as plantas locais era o aprendizado com os povos indígenas. Através dessas pesquisas várias plantas brasileiras foram enviadas à Portugal.

Foi a partir da vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, que eram criados os primeiros jardins botânicos em solo nacional. No mesmo ano foi criado um jardim Botânico no Rio de Janeiro, com o objetivo de produzir novas espécies e plantar madeiras que viriam a ser utilizadas na construção naval²⁴. Várias espécies foram trazidas, objetivando aproveitar da terra considerada fértil e propícia à produção de espécies europeias. Vários foram os viajantes que estiveram pesquisando e conhecendo as plantas brasileiras neste período, inclusive o botânico Auguste de Saint- Hilaire que, durante sua viagem, colecionou grande número de plantas consideradas medicinais. Em 1818, Dom João VI criou, no Rio de Janeiro, um museu de história natural, o que representa a importância que passa a ser dada ao tema.

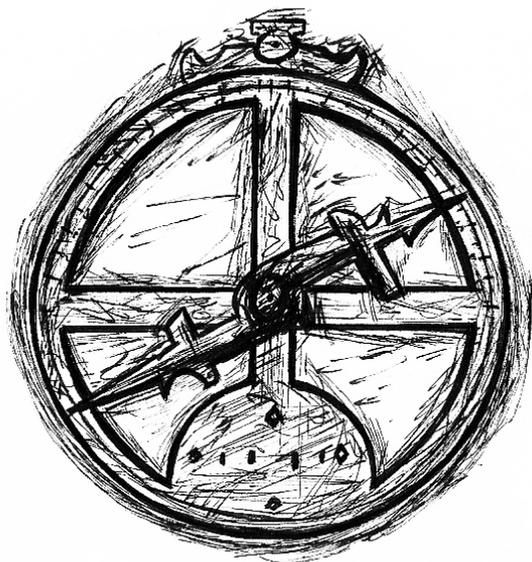
A história do contato entre os europeus e as regiões do planeta por onde passaram e estabeleceram suas colônias é marcada pela exploração e pelo comércio que geraram enormes lucros e sem dúvida alguma, pela dor e sofrimento de muitas populações, incluindo europeias. As mudanças perpassam transformações ocorridas dentro do sistema capitalista, que a partir do momento de desenvolvimento das grandes navegações se desenvolveu de forma cada vez mais incisiva.

A exploração dos recursos naturais encontrados nestas colônias nunca ficou de fora da expansão pretendida. Percebe-se o quanto foi importante para o Império Português o entendimento da natureza nas regiões na qual esteve mantendo contato comercial ou em territórios que se tornaram propriamente

24. *Ibidem*, p. 218

suas colônias. Portanto, é possível observar que em nenhum dos locais onde se estabeleceram colônias de exploração existiu um domínio completo e uma via de mão única: desde os primeiros momentos foi necessária uma interação cada vez mais frequente com os habitantes locais, o que gerou conflitos e fez com que fosse necessária a construção de alianças.

A compreensão destas transformações e a mudança no “foco” do observador levam a uma ampliação em caráter prático do objeto de estudo. No campo de ensino da história, por exemplo, o estudo da utilização e o conhecimento a respeito das plantas medicinais em diferentes períodos, e temas relacionados à história da saúde, oferece a possibilidade de estabelecer um contato que parta de conhecimentos prévios, da vivência, além da busca de suas raízes familiares. A escolha das fontes e da metodologia a ser aplicada influencia muito no resultado a ser alcançado. Diversas fontes sobre o período colonial e monárquico no Brasil podem nos auxiliar na análise e na formulação de atividades que sejam utilizadas dentro da sala de aula.

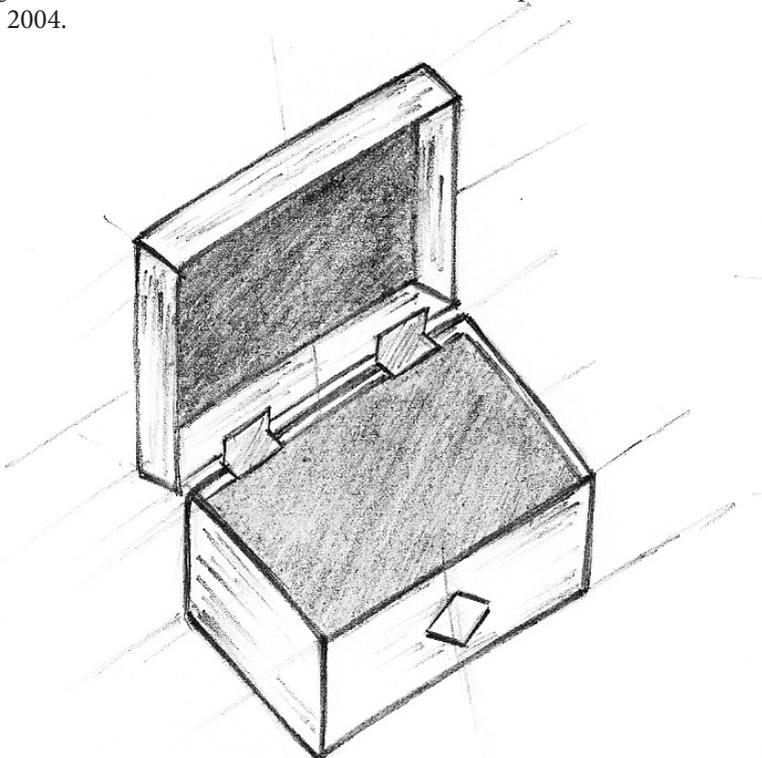


BIBLIOGRAFIA

- CALAINHO, Daniela Buono. Jesuítas e medicina no Brasil Colônia. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 10. n 19. p. 61-76. jul/2005.
- CHERNOVITZ, Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular e das Sciencias Accesorios para uso das famílias**. 6ª ed. Pariz, 1880.
- CROSBY, Alfred W. **Imperialismo Ecológico**. A expansão biológica da Europa: 900-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- DEAN, Warren. A botânica e a política imperial: A introdução e domesticação de plantas no Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 216-218. 1991.
- FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral**; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002.
- FURTADO, Júnia Ferreira. Arte e Segredo: O licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.) **Erário Mineral**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.
- GURGEL, Cristina. **Doenças e curas: o Brasil nos primeiros séculos**. São Paulo: Contexto, 2010.
- MACHLINE, Vera Cecília. Teoria e conceito setecentista de humor jocoserio derivado da antiga teoria humoral? In: MARTINS, R.A.; MARTINS, L.A.C.; SILVA, C.C.; FERREIRA, J.M.H. (eds.). **Filosofia e História da Ciência no Cone Sul: 3 ° encontro**. Campinas: AFHIC, 2004.
- MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Natureza em Boiões: Medicinas e Boticários no Brasil Setecentista**. Campinas-SP: Unicamp, 1999.
- MONTEIRO, Paula. **Da doença à desordem**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- NAVA, Pedro. **Capítulos da História da Medicina no Brasil**. Cotia São Paulo, : Ateliê Editorial: Londrina, PR: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003
- PORTER, Roy. **Das tripas o coração**. Uma breve história da medicina. Rio de Janeiro. Record, 2004.
- RAMOS, Fábio Pestana. **No tempo das especiarias: o império da pimenta e do açúcar**. São Paulo: Contexto, 2006.
- RAMOS, Fábio Pestana. Os problemas enfrentados no cotidiano das navegações portuguesas da carreira da Índia: Fator de abandono Gradual

da rota das especiarias. **Revista de História**, Rio de Janeiro, n.137, p. 75-94. 1997.

- RAMOS, Fábio Pestana. **Por mares nunca antes navegados**: a aventura dos descobrimentos. São Paulo: Contexto, 2008.
- RIBEIRO, Daniela Baptista Medicina e Práticas Mágicas na Cura de Enfermidades Tropicais no século XVIII. **Revista UNIABEU**, v.6. número 13. maio-agosto 2013.
- RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos Trópicos**: A arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo. Hucitec, 1997.
- SILVA, Lenina Lopes Soares. “As Misturas do Humano com o Divino” na Medicina Popular do Brasil Colonial. ANAIS DO II ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL. **Mneme** – Revista de Humanidades. UFRN. Caicó (RN), v. 9. n. 24, set/out. 2008.
- WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Cirurgiões do Atlântico Sul – Conhecimento médico e terapêutica nos círculos do tráfico e da escravidão (séculos XVII – XIX). **Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História**. ANPUH/SP- UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004.



Para saber mais...

Renata Palandri Sigolo

Pode ser bastante tênue, às vezes quase inexistente, a linha que separa alimento de medicamento. Se observarmos algumas racionalidades médicas –como a medicina humoral de Hipócrates, o Ayurveda e a Medicina Tradicional Chinesa – percebemos como esta separação é artificial. Isto é particularmente válido quando o assunto são as especiarias.

Os conceitos se mesclam ainda mais quando comparamos ervas e especiarias. Não há uma regra geral para definir as diferenças entre ambas, mas uma das definições esclarece que ervas são mais comumente originadas de folhas frescas ou secas e as especiarias provêm de flores, frutos, sementes, caules, raízes ou seivas desidratadas.²⁵ Também nos deparamos com múltiplas funções de uma especiaria: a canela, utilizada na cozinha e na medicina egípcia, era igualmente empregada como um dos ingredientes dos embalsamamentos²⁶. A noz moscada, especiaria cobiçada por portugueses e holandeses, também é alucinógena se utilizada em altas doses (o consumo acima de uma noz inteira), podendo provocar efeitos colaterais indesejáveis.²⁷

Como já foi abordado no texto anterior, a importância das especiarias para a economia europeia foi enorme e impulsionou a busca de rotas para seu comércio. No período medieval, Gênova e Veneza, principalmente esta última, detinham o controle de comércio com o Oriente, principal fonte de especiarias na época. Veneza estabeleceu um monopólio em 1380, mas seus preços cada vez mais altos impulsionaram Portugal e Espanha a pesquisarem outras rotas.²⁸

Portugal iniciou suas buscas no século XIV, com expedições na costa da África Ocidental. Bartolomeo Dias de Novaes foi enviado, entre 1487 e 1488 para abrir as rotas para as Índias e conseguiu passar pelo Cabo da Boa Esperança, mas morreu em 1500 em uma segunda

25. LINGUANOTTO NETO, Nelusko; FREIRE, Renato; LACERDA, Isabel. *Misturando Sabores*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2013.p.10.

26. MONTET, Pierre. *O Egito no tempo dos faraós*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.p.327.

27. CARNEIRO, Henrique. *Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas*. Rio de Janeiro: Elsevier,2005. p.125.

28. BRUET, Isabelle. *Trésors d'épices*. Une approche ethnobotanique de quelques épices connues, tombées dans l'oubli ou mal connues. Mirabel : Savoirs de Terroirs,2011.p.14.

expedição, devido a um naufrágio. Em 1497, Vasco da Gama partiu de Portugal e alcançou Calicute na Índia, onde descobriu um intenso e já estabelecido comércio entre árabes e chineses. Em 1502, partiu a expedição de Alfonso de Albuquerque que facilitou, entre outras coisas, o domínio português sobre Goa, Ceilão e Malaca.²⁹ Neste circuito, o Brasil não ficou ausente: a colonização portuguesa em terras brasileiras teve como objetivo a troca de vegetais entre os continentes.³⁰

Uma das especiarias mais utilizadas e que bem representa esta circulação é a pimenta. Na Europa, as importações deste produto aumentaram 50% durante o século XV e apenas 27% durante o século seguinte, provocando a diminuição de seu consumo. A baixa de preços e a ampliação do mercado da pimenta ocorreu no século XVII, com a concorrência entre ingleses e holandeses sendo que seu consumo voltou a crescer no século XVIII, com o fim do monopólio de Inglaterra e Holanda das Companhias das Índias Orientais.³¹

Existem vários tipos de pimenta, originadas de diferentes continentes. No Brasil, Sérgio Buarque de Holanda cita dois tipos de pimenta: a pimenta da Índia, que foi aclimatada em nosso país em 1680³² e a pimenta da terra, usada como remédio pelos sertanistas do século XVIII³³. Quando a pimenta preta (*Piper nigrum*) se tornou escassa devido à queda de Constantinopla, em 1453, foi necessário buscar um substituto, encontrado em 1490, com a pimenta malagueta (*Capsicum frutescens*). Estes exemplos mostram a variedade de plantas denominadas popularmente de “pimenta”, nativas de diferentes partes do globo: estima-se cerca de 3 mil variedades de pimentas ao todo.³⁴

Diferentemente da pimenta negra (*Piper nigrum*) que é originária do sul da Índia³⁵, a pimenta malagueta (*Capsicum frutescens*) é nativa da América Central e do Sul e pertence ao gênero *Capsicum* ao qual pertencem outras pimentas e os pimentões. A generalização do nome pimenta - que vem do latim popular *pigmentum*, em referência ao seu

29. *Ibidem*, p.15-16.

30. MARTINS, Ana Cecilia Impellizzeri (org.). **Flora Brasileira**. História, arte & ciência. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. p.19

31. FLANDRIN, Jean-Louis ; MONTANARI, Massimo(org.). **História da Alimentação**. São Paulo: estação Liberdade,1998.p.543-544.

32. HOLANDA, Sérgio Buarque. **Caminhos e fronteiras**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.p.237.

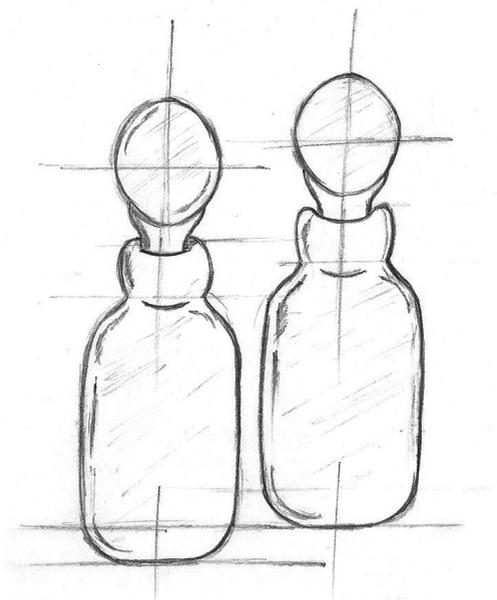
33. *Ibidem*, p. 86.

34. LAWS, Bill. **50 plantas que mudaram o rumo da história**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.p.38.

35. BRUET, Isabelle. Op. Cit. p.127.

gosto acentuado³⁶ - se iniciou quando a expedição de Colombo chega ao Caribe, em 1492 e experimentam cápsicos picantes nativos.³⁷

As pimentas deste gênero eram cultivadas pelos astecas por suas virtudes medicinais, mais tarde conhecidas pelos europeus. O médico inglês Nicholas Culpeper descreveu a pimenta-malagueta em sua obra *Complete Herbal* (1653), denominando-a de pimenta-da-guiné, pimenta-da-caiena ou pimenta dos pássaros. Ele interpretava a planta como tendo a influência do planeta Marte, advertindo aos seus consumidores que a pimenta poderia emitir vapores que atravessavam o cérebro, indo até as narinas e provocando fortes espirros, tosse e vômitos. Segundo Culpeper, seu consumo poderia até provocar a morte; porém, se fossem neutralizadas suas qualidades maléficas, a pimenta era indicada para expelir pedras nos rins, curar a hidropsia, mordidas de animais venenosos, halitose, dor de barriga e “doenças femininas”³⁸.



36. BOISVERT, Clotilde ; HUBERT, Annie. *L'ABCdaire des épices*. Paris: Flammarion, 1998. p.90.

37. LAWS, Bill. Op. Cit. p.38.

38. *Ibidem*, p.41.

Trabalhando com a fonte histórica

FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral**; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002.v.2.p.556-557.

CAPÍTULO VII

De uma receita particular para os defluxos asmáticos que da cabeça caem no peito, remédio único para os curar, e quem não sarar com ele, escuse fazer mais; é segredo dos padres da Companhia de Jesus, do qual não têm ainda notícia ainda médicos, nem cirurgiões; consta de umas águas, que se farão de forma seguinte:

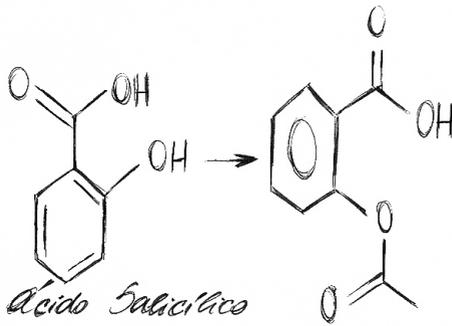
1. Flor de laranja azeda, raízes de malvas com algumas folhas, não muitas, raiz de manjerição, raiz de arruda e raiz de alfavaca; de cada coisa destas uma mão cheia, deite-se tudo em panela nova vidrada, na qual se lançarão também duas libras de água comum e uma de vinagre branco, com o que há de ficar a panela cheia; ponha-se a ferver com os ditos simples até diminuir a metade e, tirada do fogo, estando morna, se coe e deite em um frasco, e nele se lançarão duas frutas reladas de nome pepes que vêm de Angola e não faltam na Bahia na mão de quem é curioso, e os angolistas costumam trazer, e outras coisas de préstimo, e é cada uma do tamanho de uma azeitona grande; e se vascoleará o frasco por tempo de meia hora, o que se fará uma vez por dia, por discurso de cinco, e, ao mesmo tempo que se vascolear com ele, estará mal tapado, de sorte que lhe fique por onde respire para não rebentar. Esta é a primeira água.

2. Ajuntem urina de meninos de idade de três ou de quatro anos, até que façam duas libras, e se deite em panela nova vidrada, e se lhe lançará dentro uma mão cheia de raízes de malvas e algumas folhas; tudo bem lavado e pisado, se ponha a ferver até gastar a metade; ao depois se deixe esfriar e se coe, e guarde; esta é a segunda água.

3. Em uma vasilha de cobre, e não em outra, se deitarão duas colheres do remédio da urina, e da outra água uma colher; estando tudo misturado e mexido, se ponha a amornar, e, estando o doente de costas, se mandará

esfregar com esta água desde o pescoço até o fim das costelas por todo o peito, e o mesmo se fará pelas costas abaixo, fio do lombo e costelas, esfregando sempre para baixo por bastante tempo; isto se fará de manhã, estando o doente em jejum e bem agasalhado na cama, e nela estará depois de esfregado duas horas; e depois se poderá levantar bem enroupado com muita cautela do ar e, à noite, depois da ceia; e depois de se deitar na cama, passado algum tempo, se fará a mesma esfregação, continuando-se por tempo de um mês, duas vezes ao dia; e com o regimento seguinte ficará o doente são.





Ácido Salicílico

Ácido Acetilsalicílico

